



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## **Culturas Juvenis e Mobilidade: delineando as fronteiras afetivas na cidade.**

Camila Holanda Marinho

Aluna do curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

[camilaholandamarinho@gmail.com](mailto:camilaholandamarinho@gmail.com)

*Aqui nessa casa ninguém quer a sua boa educação.  
Nos dias que tem comida, comemos comida com a mão.  
E quando a polícia, a doença, à distância ou alguma discussão  
Nos separam de um irmão,  
Sentimos que nunca acaba de caber mais dor no coração.  
Mas não choramos à toa,  
Não choramos à toa.*

**Arnaldo Antunes. Volte para o seu lar, 1999.**

## **Culturas juvenis de rua: os personagens dessa história.**

Pensar a situação de crianças e jovens que vivem nas ruas das cidades brasileiras em meados do século XXI, é considerar uma série de fatores relacionados à violação de seus direitos, especialmente no que diz respeito ao direito à liberdade, à integridade e ao respeito. Parte significativa dos jovens alegam que vivem nas ruas por causa de algum tipo de violência sofrida por seus familiares ou parentes mais próximos ocorrido em suas casas. É comum esses jovens possuírem em suas trajetórias de vida experiências aonde foram violados seja verbalmente, fisicamente e/ou sexualmente. Para eles esses ambientes são extremamente conflituosos, o que faz com que fiquem, desde bem pequenos (em torno dos 6 ou 7 anos de idade) muito tempo fora de casa. Chega um momento em que ultrapassam-se as horas chegando a dias consecutivos na rua. Já na rua, estratégias de sobrevivência são criadas para que as crianças e jovens consigam permanecer por lá. Considerando os fatores produzidos pelas relações indivíduo/sociedade, de caráter mais exterior as relações interpessoais e familiares, a presença de crianças e jovens que consideram a rua como um lugar de moradia está hoje muito relacionado à questão do tráfico e uso abusivo de drogas.



Muitos abandonam suas famílias e comunidades também porque tiveram algum tipo de conflito com os traficantes da região. Muitos estão ameaçados de morte por eles, outros tantos precisam procurar na rua, através de práticas criminosas e ilegais, formas que possibilitem o consumo de drogas. Alba Zaluar (2004) entende que a “integração perversa” dos jovens pobres de hoje se dá pelo tráfico de drogas, atividade que proporciona interessantes retornos financeiros. O tráfico não condena os jovens por serem moradores de favela, semi-analfabetos e praticamente sem qualificação e/ou experiência profissional. Para a autora, numa sociedade de grandes desigualdades sociais como a nossa, o tráfico se torna um lugar extremamente lucrativo e que possibilita os jovens pobres e excluídos acessarem os bens de consumo tão difundidos pelas mídias. Então, já que a família, a escola, e o Estado perdem seus lugares e mudam de sentido na vida cotidiana dos jovens, tornando-se instituições desacreditadas, o tráfico vira uma importante referência.

Em termos de estratégias financeiras, sabemos que a entrada na rede de exploração sexual, do tráfico de drogas e a prática de furtos são caminhos praticamente inerentes à sobrevivência nas ruas. Podemos perceber um recorte de gênero também com relação às atividades que evidenciam tendências e não determinações. É mais comum ver os meninos envolvidos com o tráfico<sup>1</sup>, o que Zaluar (2004) já identificou que há uma relação com necessidade de se provar a virilidade masculina ou uma forma de provar a sua própria virilidade. Mas, o número de meninas envolvidas com o tráfico de drogas vem aumentando nos últimos anos. Já na rede de exploração sexual, as principais participantes são meninas, mesmo havendo nos últimos anos um destaque para a participação masculina, especialmente, de jovens homossexuais<sup>2</sup>. Os meninos quando devem dinheiro ao traficante ou quando precisam para usar drogas estimulam que suas namoradas façam programas sexuais para conseguir dinheiro.

---

<sup>1</sup> Segundo dados do Ilanud (Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente) a categoria de atos correspondentes aos crimes relacionados às drogas representa 16,3% dos atos cometidos por meninas, enquanto dos atos cometidos por meninos, ainda que também esteja em 3º lugar de frequência, representa 12,9%. Em primeiro lugar estão os atos infracionais correspondentes aos crimes contra o patrimônio, seguidos dos crimes contra a pessoa e os costumes. Apresenta-se nesse quadro uma maior frequência deste tipo de crime na realidade feminina, o que reproduz uma tendência mundial de grande percentagem dos crimes cometidos por mulheres serem aqueles relacionados ao tráfico de drogas, em especial na América Latina.

<sup>2</sup> Segundo dados da pesquisa “Os sete sentimentos capitais” constatou-se que existe um percentual de 31,7% de jovens do sexo masculino inseridos na rede de exploração sexual em Fortaleza e de 68,3% do sexo feminino no ano de 2009. Vale ressaltar que o universo da pesquisa está restrito até os 18 anos de idade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Maria Filomena Gregori (2000) utiliza o termo “viração” como uma prática adotada para a sobrevivência dos jovens na rua. Esse termo que é empregado coloquialmente pelos jovens refere-se às atividades diversas realizadas quando se vive nas ruas. Para a autora:

Os meninos de rua se viram, o que significa, em muitos casos, se tornarem pedintes ou ladrões ou prostituídos ou “biscateiros” ou, ainda, se comportam como menores carentes nos escritórios de assistência social. Para eles, a viração contém em si algo mais do que a mera sobrevivência, embora se já seu instrumento. Há uma tentativa de manipular recursos simbólicos e “identificatórios” para dialogar, comunicar e se posicionar, o que implica a adoção de várias posições de forma não excludente: comportar-se como “trombadinha”, como “avião” (passador de drogas), como “menor carente”, como “sobrevivente”, como adulto, como criança. Nesse sentido, é uma noção que sugere, mais do que o movimento – que é dinâmico e constante – uma comunidade persistente e permanente com a cidade (2000:31).

Na verdade, os jovens transitam entre os mundos da casa e da rua. Em Fortaleza poucos perderam o vínculo definitivamente com suas famílias e comunidades. Este grupo que me refiro é formado por jovens que possuem uma longa permanência na rua. Existem jovens que vivem há mais de dez anos nas ruas da cidade, em intervalos de tempos que chegam a mais de quatro meses consecutivos. Eles sobrevivem utilizando alguns serviços de atendimentos que existem para a população de rua. No caso de crianças e jovens, o trabalho dos educadores sociais de rua é fundamental para suas permanências. Uma questão imensamente grave, e que não deve ser pensada como um fenômeno recente, é que existem crianças que são nascidas nas ruas, pois muitas garotas vivenciam a gravidez sem voltar para suas casas.

Portanto, esses são alguns fatores que produzem a movimentação desses jovens entre os mundos da casa e da rua, considerando “casa” também as instituições de atendimento, como os abrigos infato-juvenis vinculados ao poder público ou as organizações não governamentais. Se a rua é um palco das performances de culturas juvenis, ela também pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos. Como é vivido, então, as experiências afetivas no mundo da rua? Será que os afetos estabelecem signos de vínculos na esfera da rua? Nas trilhas desses “discursos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

amorosos” como se dá à relação entre o amor e a cidade? Busco propor uma reflexão sobre como os jovens constroem significados para as experiências afetivas e sexuais vividas no mundo da rua e como essas representações podem apontar questões que articulam as situações vivenciadas no campo da intimidade que são experimentadas nos espaços públicos. Entendo que a rua é um cenário que possibilita o engate de outros signos complexificados e impulsionadores de uma semântica amorosa em movimento.

### **Fronteiras afetivas na cidade.**

Interesso-me por observar e entender a cidade não como um lugar de desencontros, mas como um lugar onde no meio do anonimato da multidão os sujeitos são capazes de produzir significados para o que poderia ser insignificante. Parto da idéia de que o afeto é uma motivação que deve ser tomada como uma força significativa para a permanência e a sobrevivência nas ruas da cidade. Os jovens deixam de tomar a casa como o principal referencial e adotam a rua porque nela encontram uma forte rede de afetividade. Ela pode possibilitar a afirmação de identidades sendo elas depreciativas ou não. É na rua que há o encontro com os grupos, com os amigos e amigas, com os amantes, enfim, é uma das principais referências de sociabilidade juvenil. É capaz também de oferecer o que a sociabilidade da casa não conseguiu.

Para David Le Breton (2009), as emoções podem possibilitar modos de afiliação a uma determinada comunidade social, onde se produz uma maneira de se reconhecer e de construir canais de comunicação sobre a base da proximidade sentimental. Para o autor, cada emoção sentida oferece diversas possibilidades de interpretação sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. A afetividade, para Le Breton, mistura os acontecimentos significativos da vida pessoal com a vida coletiva, possibilitando assim, feixes de emoções que são produzidas pelas vivências que confrontam determinados valores com o mundo.

Nesse sentido, nada melhor do que tomar um grupo que é historicamente apontado como aquele que não se enquadra nas culturas prescritas que a sociedade lhes impõe: a juventude contemporânea. Os jovens muitas vezes são classificados como indivíduos que vivem sobre o limiar da maturidade e imaturidade. São apontados também como agentes de atitudes precipitadas, inconstantes e perigosas. Prefiro compreendê-los como produtores de signos e sentidos que colocam em destaque vários



aspectos acerca da sociedade e de determinadas práticas culturais. Também são produtores de redes de sociabilidades, de modelos culturais de comportamento, criam símbolos, ritos, performances e podem redefinir com frequência seus referenciais.

Assim, parto do entendimento que um jovem morador de rua é aquele que negou, que recusou, que questionou, que foi por algum motivo impossibilitado de viver na sua casa ou na sua comunidade e passou a ter a rua como a principal referência de moradia. São indivíduos que, em sua maioria possuem um grupo familiar, mas que por algum motivo teve que abrir mão dessa convivência e passou a construir vínculos com outros grupos sociais. Para Maria Filomena Gregori (2000) há uma dificuldade de definição do que deve ser conceituado como um “menino ou menina de rua”, pois elas são genéricas e contemplam uma diversidade considerável de situações de maior ou menor vínculo familiar e de vivências de circulação pelas ruas.

Assim, compreendo que a concepção de “*circulação*” trazida pela autora é uma categoria fundamental de identificação<sup>3</sup>. Mesmo com este movimento nômade, os jovens moradores de ruas criam vínculos com pessoas, lugares ou instituições quando estão nas ruas, sobretudo afetivos. Essas vinculações são causadoras de encontros e vivências sexuais que podem ser percebidas como formas de se fixar e permanecer nas ruas. Portanto, esses jovens protagonizam histórias não só marcadas por situações de violência, como a mídia e o senso comum costumam insistir, mas também histórias onde o amor é a tônica principal. .

Em Fortaleza é comum ouvir dos jovens declarações de que eles vão para os abrigos quando querem<sup>4</sup>. Eles costumam dizer que pegam carona com o “pessoal dos amarelinhos<sup>5</sup>” para chegarem até um abrigo, que matam a fome no Espaço Viva Gente<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Por causa dessa vida nômade, que os colocam em trânsito e muitas vezes de passagem por diversos lugares e instituições, impossibilita qualquer definição de caráter quantitativo. Assim, a população infantil e juvenil de rua se apresenta como um fenômeno “incalculável”. Isso não diminui sua relevância enquanto uma questão social importante a ser compreendida e enfrentada em termos de políticas públicas, mas sobretudo expõe a necessidade de se considerar cada vez mais a dimensão subjetiva que os indivíduos, sobretudo, que as crianças e jovens dão as formas de sociabilidade, referência e convivência social.

<sup>4</sup> Os abrigos, segundo determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente, é uma medida que deve ser adotada em caráter excepcional e provisório. O encaminhamento deve ser feito pelo Juiz ou por um conselheiro tutelar. Mas o que se constata em todo país é que esta medida tornou-se uma rotina e vem sendo adotada para todos os casos de conflitos familiares e domésticos. Dessa forma, os jovens já perceberam a facilidade de acesso a este serviço. Em muitos casos observa-se que muitas crianças e muitos jovens e já passaram por quase todos os abrigos de sua cidade.

<sup>5</sup> Programa de abordagem de rua do Governo do Estado do Ceará. Os educadores sociais são chamados de amarelinhos por causa da cor de suas batas.



e que preferem ir para a Casa dos Meninos<sup>7</sup> porque o pessoal de lá é “limpeza.” O grande medo é a chegada dos 18 anos, onde este “leque” de opções diminui bastante. Como a maioria das crianças e dos jovens não sente atração por estes serviços, é comum os casos de desistência do atendimento e o retorno para as ruas. O grupo que venho acompanhando nas mediações do Terminal de Ônibus da Parangaba<sup>8</sup> comprova a diversidade de usos e desistência dos serviços oferecidos pelos órgãos públicos. Este é um grupo formado por uma média de 30 crianças e jovens, de idades entre 8 a 24 anos que está em situação prolongada de moradia nas ruas. Uma das grandes dificuldades em definir o que é “está em situação de rua” é com relação à temporalidade. Os estudiosos do fenômeno (Gregori, 2000; Graciani, 2005; Silva e Milito, 1995; Murata, 2005; Bursztyn, 2000; Walty, 2005) não se limitam a entendê-los como sujeitos que estão a um determinado número de dias consecutivos nas ruas, mas sim as dimensões de experiência, mobilidade e identidade.

Uma vez estava com a equipe da prefeitura em uma atividade que seria realizada com este grupo em um ginásio, mas foi cancelada de última hora quando já estávamos lá com os meninos e meninas<sup>9</sup>, ficando assim todos do lado de fora. Toda quinta-feira pela tarde, vale ressaltar que com muita dificuldade, esse espaço é liberado para que os educadores sociais realizem atividades de esporte com os jovens que ficam pela região do Terminal da Parangaba e do Lagoa. Nesse dia, há um código de conduta a ser seguido: ninguém pode participar estando sob o efeito de nenhuma substância entorpecente e também não pode levar nada para o ginásio. Os jovens geralmente cumprem este trato. Chegam “limpos” e passam a tarde jogando futebol, desenhando, conversando com os educadores ou somente ficam por lá observando e esperando à hora do lanche que é oferecido pelos profissionais. Noto que está dentro do ginásio

---

<sup>6</sup> Programa de acolhimento de jovens em situação de rua do Governo do Estado do Ceará que funciona como uma casa de passagem anterior ao encaminhamento para abrigos. Os jovens não são obrigados a permanecerem lá, podendo desistir do atendimento a qualquer momento. Oferecem alimentação, roupas, banho e atividades lúdicas e esportivas.

<sup>7</sup> Abrigo municipal que atende um público masculino na faixa etária de 12 a 18 anos.

<sup>8</sup> O Terminal de Ônibus da Parangaba fica localizado no bairro de mesmo nome e é o terminal mais movimentado da cidade de Fortaleza.

<sup>9</sup> Nesse dia, depois de todo um deslocamento da equipe até o ginásio, o porteiro não permitiu a entrada da equipe e dos meninos alegando que o ginásio estava em reforma. Olhávamos e não víamos a reforma lá dentro. Isso foi uma prova clara de preconceito e um motivo para evitar que os “meninos de rua” utilizassem aquele espaço. O curioso é que o Ginásio Poliesportivo da Parangaba é um equipamento da prefeitura, bem como os educadores que acompanhavam os meninos também são funcionários da prefeitura.



representa uma forma de proteção dos riscos da rua<sup>10</sup>. E também é uma estratégia para que os educadores sociais possam conversar com os meninos e meninas. Eu, como pesquisadora, aproveitei esses momentos para conversar com eles também.

Nesse dia que literalmente “ficamos no meio da rua”, muitos jovens resolveram ir embora decepcionados com o ocorrido e alguns ficaram do lado de fora com os educadores e comigo. Enquanto conversava com Mariana de 22 anos e Tuca de 20 anos, observei que Tuca estava olhando para um garoto que estava sentado do outro lado da avenida. A menina perguntou se Mariana sabia quem era. Mariana disse que não. Tuca então se levantou indo na direção do garoto e disse que ia saber quem era. A presença de seu namorado Alan, de 18 anos, não impediu a atitude dela. Observei uma rápida negociação entre os jovens e Tuca voltou dizendo: “ele *queria* o meu *periquito* por cinco reais. Olha, por uma pedra<sup>11</sup>! Vou nada!” A garota calculou os custos de acordo com o que ele traria como possibilidade de consumo de drogas. Outro ponto que me chamou a atenção é que tanto o jovem-cliente como Tuca são pessoas que deveriam, dentro do que classificamos como algo regular, está vivenciando suas primeiras experiências sexuais como um namorado(a), um(a) colega da escola, um vizinho(a), um amigo(a) de um amigo(a), uma paquera de uma festa, enfim, em atividades sem uma intermediações financeiras. Portanto, há clientes de todos os tipos e de vários valores.

Mariana me disse que ela não estava fazendo programa, pois o seu novo namorado não gostava. A jovem também me contou que “pegava mal” ela sair ou ficar com outras pessoas, assim, não conseguiria “fazer o filme” dela com o novo amor. Ela me disse que estava apaixonada por Daniel, um garoto de 22 anos que estava pela primeira na vez vivendo nas ruas. O motivo: tinha uma dívida com um traficante que sabia onde ele morava e o tinha jurado de morte. Mariana classificou Daniel como um bom rapaz, que não usava muitas drogas, “só pedra e de vez enquanto”, que era carinhoso só que muito “chiclete”. Ela comparava sempre Daniel com Pedro, um namorado que teve e que, segundo ela, é pai dos seus dois filhos. Então, já que ela não podia mais fazer programas tinha que praticar pequenos furtos para poder sobreviver

---

<sup>10</sup> Nessa época os meninos estavam ameaçados de morte pelos traficantes da região. Eles roubaram um comércio de uma irmã de um policial e ela chamou a polícia que fizeram batidas na região constringendo os traficantes e atrapalhando suas atividades.

<sup>11</sup> Pedra é o nome dado para o crack que é comercializado nesse formato.



nas ruas. E assim, ficar por lá estava muito arriscado para ela. Já Tuca, como namorava há muito tempo com Alan, um garoto de 18 anos, me disse que o namorado não se importava com o fato dela está fazendo programas sexuais. Ela disse que ele até incentivava, pois era uma maneira mais fácil de conseguir dinheiro. Natália, 16 anos, falou a mesma coisa sobre o seu namorado Tito, um jovem de 21 anos, que assim como ela vive há mais de dez anos pelas ruas de Fortaleza.

Percebemos através dessas observações de campo como as vivências sexuais desse grupo de jovens apresentam uma diversidade de interconexões. É como diz, Michel Bozon (2004), “O repertório sexual se ampliou, as normas e trajetórias de vida sexual se diversificaram, os saberes e as encenações da sexualidade se multiplicaram” (2003: 43). Na verdade, os jovens costumam reinventar a sexualidade contemporânea como uma forma de experiência pessoal que distingue a esfera da sexualidade e da afetividade. Não há mais uma relação direta entre estar apaixonado(a) e fazer sexo.

Está é a dinâmica que a vida nas ruas produz. Uma luta constante de movimentações internas/subjetivas e externas/territorializadas. A questão maior é saber como é vivido e produzido o cotidiano dos jovens que estão nas ruas das cidades circulando. Como é tecido o sentido das redes de interação social afetiva estabelecidas por eles com os indivíduos ou grupos sociais que eles têm como referência quando estão nas ruas? Na verdade poucos ficam permanentemente. Há uma circulação entre *mundos de casa* e *mundos de rua*. Se eles retornam para as ruas é porque deve haver algum tipo de atração. Então, qual é o fio condutor que os levam várias vezes a voltar para a vida nas ruas?

### **Delineando afetos de corpos em movimento.**

Uma questão central enunciada em estudos sobre população de rua é a afirmação de que este grupo é o emblema da condição nômade de grupos sociais mais afetados pelas desigualdades sociais, como segue as citações abaixo:

Situar o menino, perceber seus limites, compromissos, implica entender sob quais parâmetros de ordem ele transita na rua, parâmetros tecidos pelas relações complexas entre polícia, tráfico, seguranças, prostitutas, cafetões, garçons, mendigos com seus múltiplos interesses a instrumentalizar o menino para seus objetivos específicos (Silva e Milito, 1995: 15).



Quem vive na rua precisa de agilidade, flexibilidade e muito movimento corporal para sustentá-la. Daí precisa mudar sempre de espaço e procurar outro território. A rua constitui-se em transitoriedade permanente, dada à insegurança total. Não é possível prever o que vai acontecer na próxima hora, no próximo dia (Graciani, 2005:131).

(...) pudemos constatar que, aos relatos propriamente ditos, se associam a deslocamentos espaciais, percebidos tanto aí como nos filmes e fotografias. As relações entre a casa e rua, entre rua e instituição, entre real e imaginário, entre ordem e marginalidade, entre cópia ou transgressão do modelo social podem ser feitas desde a primeira leitura (Walty, 2005:26).

Essas referências citadas<sup>12</sup> indicam o movimento nômade que está associado não só aos percursos pela cidade, como também pelas instituições e casas. A condição nômade está vinculada às questões que envolvem desigualdades e exclusão social. Retrato de uma sociedade que evidencia da força mais cruel à existência de indivíduos que não estão inseridos, sobretudo, na lógica capitalista da sociedade. Para Gilles Deleuze (1997), o nomadismo caracteriza-se por um entre, por um meio que escapa a forma fixadora de conceber o espaço que é o apanágio do sedentário. Para o autor o espaço é constituído de percursos:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.). Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência da vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário (...). Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e

---

<sup>12</sup> Ver também os trabalhos do PPGS-UFC de Andréia Borges Leão, Uma casa de meninos e meninas no Coração de Jesus, dissertação de mestrado defendida em 1993; Diocleide Lima Ferreira, O dia é da Rua, a noite do Albergue: condições e contradições de um abrigo de regime aberto para adolescentes em situação de rua na cidade de Fortaleza dissertação de mestrado em 2000; Shara Jane Holanda Costa Adad, Jovens e educadores de rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina, tese de doutorado defendida em 2003 e Lídia Valesca Bonfim Pimentel, Vida nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade, tese de doutorado defendida em 2005.



regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante (1997:50).

O movimento nômade experimentado por aqueles que vivem nas ruas produz outras teias de significações. Ao transitarem pela cidade etiquetas são contrariadas para que outras sejam reinventadas. Os nômades transgridem porque inovam. Redefinem o que até então pareci estabelecido. Faz da rua a casa. Do perigo uma emoção arriscada, mas que vale a pena ser experimentada. Assim, suas existências ficam cada vez menos apreciadas. É por isso que há tanto descaso com suas vidas. Os jovens de rua estão hoje morrendo de doenças sexualmente transmissíveis, de tuberculose, de overdose de drogas, assassinatos e deixando-se morrer. Ninguém sabe como cuidar deles. Nem mesmo os poderes públicos e as pessoas que se importa com eles. Lembro-me do casal Cerina e Pedra nesse momento. Os dois morreram há cerca de dois anos atrás vítimas de tuberculose. Não se sabe quem pegou de quem, mas após a morte da namorada, Pedra faleceu pouco tempo depois.

Quando conheci Cerina, em 2005, ela me falou que está desde muito pequena na rua. Na época a menina tinha 18 anos e sofria por ter feito essa idade tão temida, pois as possibilidades de vinculação as políticas de atendimento diminuem drasticamente. Ela já tinha passado por quase todas as modalidades de atendimento. Pedra também tinha a mesma experiência, e foi quando estavam em abrigos que ele conheceu a namorada. Como não existe nenhum abrigo misto que receba meninos e meninas na cidade de Fortaleza eles foram embora juntos. Os jovens alugaram um quartinho na favela do Oitão Preto<sup>13</sup>, e foi lá que os educadores sociais encontraram o casal já doente. Cerina teve com Pedra dois filhos que estão no mesmo abrigo que os filhos de Mariana. Nesse abrigo certamente existem outras crianças com o mesmo destino que elas, assim como muitas crianças filhas de jovens moradores de rua que as deixaram lá. Esse fenômeno grave que envolve a vida de jovens na rua está produzindo um novo grupo social: os órfãos de pais moradores de rua. Essas crianças, certamente, estão condenadas a um destino mais trágico do que tiveram seus pais.

---

<sup>13</sup> Comunidade pobre que se localiza próximo ao centro da cidade de Fortaleza que é marcada pelo tráfico de drogas, sobretudo do crack.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Tive pouco contato com este casal, mas os educadores os classificam como um casal referência daquilo que consideramos como jovens moradores de rua. Eles tinham uma longa experiência de vida nas ruas que faziam deles identificados com esse grupo. Seus corpos revelavam suas trajetórias, seus discursos evidenciavam o lugar de construção de suas identidades e sentimentos de pertença. Suas experiências imbricadas por tantos acontecimentos acarretaram num trágico destino. Refiro-se, portanto, ao conceito de “experiência” no sentido que Joan Scott (1999) definiu como “um evento lingüístico”, tanto coletivo quanto individual, dotada de significações mutáveis, com o fim de constituir, por meio da linguagem, o sujeito discursivamente. Ou seja, o sujeito não é uma instância que “possui” a experiência, mas é constituído pela experiência. Os jovens moradores de rua fazem da rua o local referência de suas trajetórias de vida. É como revela uma narrativa de Pedro já dita anteriormente: “Eu posso até sair da rua, mas a rua nunca vai sair de mim.”

Scott (1999) quando chama a atenção para o fato de que os sujeitos são constituídos discursivamente, ressalta que podem existir contradições ou múltiplos significados adotados nos conceitos que pronunciam. O discurso é compartilhado. E a experiência é tanto individual como coletiva. Para a autora os sujeitos têm agenciamentos, no sentido de que, há situações onde não há autonomia nem exercício do livre arbítrio. O agenciamento é criado através de situações e posições que lhes são conferidas, onde essas condições possibilitam escolhas que são limitadas. No caso das culturas juvenis de rua, as experiências vividas estão demasiadamente vinculadas a situações de risco e marginalização. Viver nas ruas é possuir em suas trajetórias de vida experiências que envolvem o mundo do crime, do tráfico de drogas e da violência sexual. Mesmo submetidos a essas circunstâncias, as culturas de rua também são marcadas por trajetórias sentimentais significativas para cada pessoa. Afinal, como afirma a autora, a experiência é a história do sujeito.

Mesmo sendo corpos em movimento pelas vias urbanas, mesmo desenvolvendo performances nômades pelas cidades, os indivíduos que fazem das ruas uma referência de sociabilidade afetiva redefinem e resignificam padronizações culturais que mapeiam o modo de vida dos indivíduos em sociedade. Em Laban (1978) podemos tomar o conceito de movimento, pois para o autor corpos em movimento são capazes de manifestar emoções, sentimentos, idéias, valores, conflitos individuais ou coletivos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

além de carregarem marcas de um tempo, de uma época expressando o caráter ou a personalidade de um ator social. O corpo é o instrumento que faz os indivíduos se comunicarem, orquestrando os ritmos que compõem a vida social.

Portanto, esses corpos nômades que circulam pelas ruas podem apresentar o roteiro da cidade que ninguém conhece ou outro roteiro que as contingências da vida não permitem percorrer. Como os lugares tomam outros significados, os moradores de rua são “os verdadeiros poetas da cidade”, como anuncia Jorge Amado. São eles que a percorrem sem os medos ou sem evitar determinados lugares como fazemos “nós”, os “indivíduos da casa”, que estabelecemos com mais rigor o motivo e o tempo de ir em cada lugar. Claro que na rua há lugares apropriados por determinados grupos que outros não chegam com facilidade. A rua também é delimitada geograficamente por causa dos conflitos entre grupos diferentes. Territórios são criados. Em Fortaleza, os jovens que perambulam pela Beira-Mar possuem rixas com os jovens dos Terminais de Parangaba e Lagoa e da Praia de Iracema<sup>14</sup>, assim como, há conflitos entre os que andam pelo Centro da Cidade com o grupo dos Terminais.

Assim, a incorporação desses indivíduos a determinados lugares e suas práticas sociais permite que possamos adotar outro ponto de vista sobre a dinâmica das cidades. Para Magnani (2002), o desafio para quem adota a cidade contemporânea como tema de estudo é não perceber de forma fragmentada. O fato dos seus lugares terem múltiplas interpretações pelos múltiplos personagens que nela vivem, não significa que o pesquisador desenvolve um olhar partido, que só enxerga um lugar, mas sim que ele pode ver de uma forma que ainda não vista por ninguém. Os códigos de reconhecimento e comunicação produzidos pelos usos da cidade reporta ao diálogo que Magnani desenvolveu com Da Matta (2000) sobre a dicotomia “casa versus rua”. Para Magnani (2003), a noção de *pedaço* evidencia um território que serve como um ponto de referência:

---

<sup>14</sup> Praia de Iracema é uma praia localizada próximo ao centro da cidade que já foi no passado reduto dos intelectuais, artistas e boêmios da cidade. Na década de 1990 e início de 2000 era freqüentada pelos jovens de classes médias e ricas também pelo grande número de estabelecimentos de lazer e diversão. Hoje, apesar de um fraco movimento de turismo, se compararmos com o resto da cidade, a PI como é chamada, é o lugar do turismo sexual, da exploração sexual, da mendicância e de grupos de moradores de rua.



(...) enquanto a casa é o domínio dos parentes, e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. Assim, se desenvolveu um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de sociabilidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza e exclusão (2003:86).

Então, o autor aponta que o pedaço é o lugar dos “chegados”, dos colegas, que todos sabem quem são, de onde veio, do que gosta e o que pode e não pode fazer com eles. A rede de sociabilidade tecida nos pedaços está relacionada com o conteúdo simbólico que é estipulado pelos frequentadores e que marcam a identidade do grupo. O fator determinante de um pedaço é constituído pelas relações estabelecidas entre seus membros como resultado do manejo de seus símbolos e códigos. Os indivíduos se dirigem em busca dos seus iguais. Para Magnani (2002), a cidade não é um espaço fragmentando de pedaços. As pessoas transitam entre eles e fazem suas escolhas no emaranhado de alternativas que surgem, mas de acordo com uma determinada lógica. Quando os indivíduos se dirigem para esses espaços, quando estabelecem fluxos recorrentes de deslocamento, eles produzem *trajetos* como resultados das escolhas feitas pelos frequentadores dos pedaços. É o trajeto que possibilita a construção do pedaço para uma esfera pública.

As forma de viver daqueles que tomam a cidade como lugar de moradia produzem uma diversidade de trajetos que os levam para o uso de determinados espaços e equipamentos urbanos. A definição de *circuito* estabelecida por Magnani (2002) evidencia os usos que os jovens moradores de rua fazem de determinados equipamentos e lugares que terminam facilitando suas vidas nas ruas. Refiro-me aos abrigos, casas de passagem, entidades que distribuem comida e roupas, os lugares que sevem para a dormida, para o banho, para o sexo, para a solidão e por aí vai. Este *circuito* que está relacionado à política pública de atendimento que são compreendidos pelos jovens como lugares de trocas ou de encontros que englobam *pedaços* e *trajetos* particularizados. Metodologicamente, Magnani (2002) nos orienta a enxergar essas práticas e seus agentes numa perspectiva “de perto e de dentro” a luz da etnografia urbana. Mas isso é assunto para outro tópico.



Nesse mesmo sentido, Machado Pais (2006) revela a vida daqueles que ele chamou de os “sem abrigo”:

Os sem abrigos são nômades da cidade<sup>15</sup>. Como os nômadas, e embora possam achar que a sua casa seja “um mundo”, também tem os seus territórios mais achegados (espaços da cidade que lhes são mais familiares), seguem trajetórias habituais (determinadas ruas), vão de um ponto a outro (do refeitório dos Anjos para o banco do jardim, por exemplo) e não ignoram os seus locais de referência (caso dos restaurantes que lhes dão sobrar de comida). As coordenadas que determinam os seus trajetórias estão subordinadas aos trajetórias que os determinam (2006:49).

Posto isso, percebemos que os moradores de rua criam novos códigos para os lugares da rua que muitas vezes estão cobertos por um “onirismo marcante<sup>16</sup>”, como insinua Machado Pais. O imaginário sobre os lugares e sobre as histórias dos lugares é algo que se vincula a “poética do espaço” de Gaston Bachelard (1998). Ao falar de poética do espaço Bachelard revela a intenção de dar à palavra a missão de elevar o objeto de sua análise, os lugares e os espaços, ao nível poético do devaneio. O pesquisador em campo é constantemente convidado a entrar nesse “mundo não real”, nessas “verdades inventadas”, que é a descrição dos sentidos feita pelos jovens moradores de rua sobre a história, a memória e o lugar. Não devemos viver apenas a lógica do convencional e buscar os sentidos do que é tido pelos jovens, mas devemos “viajar” com eles, entrar na sua loucura, no seu “barato”.

Lucrécia Ferrara (1993) quando diferencia os conceitos de lugar e de espaço entende que “para apreender a informação do espaço, é necessário fragmentá-lo, transformando-o em lugar informado” (1993:153). Assim, os códigos e significados constituídos sobre os espaços de convivência social estão diretamente relacionados a elementos do campo da subjetividade, representados, por exemplo, pelas pessoas que lá estão. Essa compreensão de elementos “abstratos” sobre a “concretude” de espaços e lugares que podem ser percebidos na cidade também aparece no pensamento de Michel De Certeau (1994), que compreende que o espaço é um “lugar praticado”. Mesmo não

<sup>15</sup> O autor trabalha com o tratado de nomadologia de Deleuze e Guattari.

<sup>16</sup> O mundo onírico de crianças moradoras de rua está retratado de forma extremamente bela no filme As ruas de Casablanca de Ali Zaoua. O diretor utilizou os próprios moradores de rua para protagonizarem a história.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

tendo por muitos o “direito à cidade”, mesmo tendo suas presenças rechaçadas, a cidade é tomada pelos meninos e meninas com vivência de rua de diversas formas, onde eles também se apropriam dos lugares vinculando-os a presença de determinadas pessoas que encontram nesses lugares, portanto, fazendo da cidade e das ruas da cidade um lugar de encontro de afetos.

### **Referências bibliográficas**

AMADO, Jorge. Capitães de Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BURSZTYN, Marcel (org). No meio da rua: nômades, excluídos, viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. 6<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997

DÍOGENES, Glória. (org.) Os sete sentimentos capitais: exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. São Paulo: Annablume, 2008.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel (org). No meio da rua: nômades, excluídos, viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FERRARA, Lucrecia. Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: EDUSP, 1993.

GRACIANI, Maria Estela S. Pedagogia social de rua. 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. Viração: experiências de meninos de rua. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LABAN, Rudolf. O domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

LE BRETON, David. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. Revista Tempo Social, São Paulo, USP, abril/2003.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17 no. 49, junho/2002.

MURATA, Elza Kioto Nakayama Nenoki. Em busca da casa perdida: as vozes e imaginário de meninos de rua. São Paulo: Annablume, 2005.

PAIS, José Machado. Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas. Porto: AMBAR, 2006.

SILVA, Hélio e MILITO, Cláudia. Vozes do meio fio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SCOTT, Joan. Experiência”. In: SILVA, Alcione (org.). Falas de Gênero. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999

WALTY, Ivete. Corpus Rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Autêntica, 2005.

ZALUAR, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.